



O que é caralho? É um palavrão? É uma parte do corpo humano? Estudo sociolinguístico-cognitivo sobre a variação categorial de um item léxico^{1,2}

*What the “caralho”? It’s a bad word? Is it a part of the human body? Cognitive-
sociolinguistic study on the categorial variation of a lexical item*

Ariadne Domingues Almeida*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Apresentam-se resultados de uma pesquisa empreendida que objetivou compreender a variação categorial do item léxico *caralho* no português do Brasil. O estudo norteou-se por pressupostos da Sociolinguística Cognitiva, de sorte que travou diálogos com autores como Almeida (2016), Lakoff (1987), Rosch (1978), Santos e Lins (2016), Silva (2012). No tocante ao seu desenho metodológico, foi desenvolvido através da abordagem qualitativa do *corpus*, formado por posts feitos no site *Yahoo Respostas*; teve natureza exploratória, descritiva, interpretativa e buscou compreender as ocorrências no contexto de uso. Concluído o trabalho, constatou-se que esse item do léxico pode ser ou não categorizado como palavrão, mas, nessa categoria, seu grau de prototipicidade depende de quem o usa.

Palavras-chave: Sociolinguística cognitiva. Categorização. Variação. Palavrão. Caralho.

Abstract: Results of a research shows an understanding of the categorial variation of the lexical “*caralho*” item in Brazilian Portuguese. The study was guided by assumptions from Cognitive Sociolinguistics, in such a way that it dialogues with authors like Almeida (2016), Lakoff (1987), Rosch (1978), Santos e Lins (2016), Silva (2012). Regarding its methodological design, the study was developed through a qualitative approach to the *corpus*, which formed by posts Yahoo Answers site; it had an exploratory, descriptive, interpretative nature and sought to understand the occurrences in its context of use. After completing the research, it was found that this word may or may not be categorized as a bad word, but in this category, its degree of prototypicity depends on who uses it.

Keywords: Cognitive sociolinguistics. Categorization. Variation. Bad word. “*Caralho*”.

¹ Dedico este artigo à professora Dra. Jacyra Mota, quem, no meu curso de doutoramento, me apresentou discussões sobre avaliação da variação, crenças e atitudes, plantando uma semente que frutificou em meus estudos, possibilitando-me a escrita deste artigo.

² Resultados de estudo desenvolvido no âmbito do pós-doutoramento da autora realizado na Universidade do Estado da Bahia, com auxílio da CAPES-PNPD.

* Universidade Federal da Bahia. E-mail: ada.domingues@gmail.com.

INICIANDO UMA HISTÓRIA SOBRE VARIAÇÃO CATEGORIAL

Aqui, são apresentados resultados de um estudo empreendido sobre a variação categorial do item léxico *caralho*, a partir de um *corpus* coletado da internet, nomeadamente, do site *Yahoo Respostas*³. A fim de expor esses resultados, este texto divide-se em quatro seções, quais sejam: 1) *Introduzindo uma história sobre o léxico: o norte teórico*; 2) *Explicando o percurso da história a ser contada: a metodologia*, 3) *Adentrando em uma história: usos do item léxico 'caralho' na internet* e 4) *Contando uma história: a variação categorial do item léxico 'caralho', através de usos da internet*. Essas partes são antecedidas por estas palavras iniciais, chamadas: *Iniciando uma história sobre variação categorial*, e seguidas pelas considerações finais, intituladas: *Concluindo uma história sobre a variação categorial*, e pelas *Referências* que embasaram as discussões propostas. A seguir, aduzem-se os pressupostos teóricos que subsidiaram a realização do trabalho.

1 INTRODUZINDO UMA HISTÓRIA SOBRE O LÉXICO: O NORTE TEÓRICO

O estudo do *corpus* foi feito tendo como amparo o arcabouço teórico da sociolinguística cognitiva (doravante, SC), campo do conhecimento humano que teve seus textos seminais publicados nos anos 2000 e que surgiu da constatação feita por alguns pesquisadores da possibilidade de serem estabelecidas conexões entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística.

A SC, assim sendo, é uma emergência que nasceu da percepção de interesses comuns entre essas áreas do saber. Em sua agenda de estudos, como destaca Silva (2012, p. 20), acham-se as inter-relações das dimensões sociais e conceituais da variação do sistema linguageiro, de modo que procura compreender como seu uso interconecta os elementos cognitivos e os chamados extralinguísticos, observando, porém, como faz Almeida (no prelo-b), que, se a linguagem emerge da mente corporificada, a visão dicotômica entre linguístico x extralinguístico é desnecessária.

A SC, assumindo um dos pressupostos da Linguística Cognitiva, busca, então, ultrapassar visões dicotômicas que tendiam a separar o social e o cognitivo em disciplinas distintas, de modo que se caracteriza por ser um exercício interdisciplinar elaborado com a finalidade de compreender, de forma mais aproximada, o funcionamento da linguagem em usos do cotidiano.

Como demonstrou o já citado Silva (2012), a SC é, também, um modelo para o estudo da linguagem que se baseia no uso, que se orienta em direção ao significado e que busca refletir, entre outros fenômenos da linguagem, sobre a variação categorial, podendo abordar ideologias, crenças, atitudes explícitas e/ou implícitas dos falantes, assim como dos escreventes em relação aos usos categoriais variáveis; enfim, busca compreender como dimensões da vida humana atuantes na linguagem se entrelaçam na criação-

³ Trata-se de um site para perguntas e respostas, lançado em 2005. Há quem o considere uma rede social. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/pq-vcs-gostam-tanto-do-yahoo-respostas/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

realização das categorias na ecologia⁴. Assim sendo, como observa, ainda, o mesmo Silva (2012), essa área do saber possibilita refletir sobre a linguagem como um sistema adaptativo complexo (SAC).

Em face disto, na SC, podem ser realizados profícuos diálogos com a Teoria da Complexidade (TC), campo do saber que fornece material epistemológico para compreender, de modo mais aproximado, como a linguagem se atualiza no uso, mantendo-se estável, embora tenda, sempre, à entropia, encontrando-se, por isso, em estado de equilíbrio instável, sendo, conseqüentemente, susceptível à mudança e à variação.

Com base no pensamento de Paiva (2016), é possível afirmar que a linguagem, sendo um SAC, é um sistema formado por sistemas, também, complexos, que aninhados, interagem uns com os outros, influenciando-se mutuamente; trata-se, portanto, de uma urdidura de dimensões bio-cognitiva-psíquica e geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológica da vida humana (ALMEIDA, 2018), que faz emergir, nas mais diversas situações comunicativas, os possíveis mundos humanos, possibilitando que a espécie pense e atue nesses mundos.

Os mundos, que emergem na e pela linguagem nas diferentes interações de que os seres humanos participam ao longo da vida, nos mais diferentes espaços geo-políticos e ideológicos e nas práticas sócio-histórico-culturais, são organizados por meio do fenômeno da categorização que, por sua parte, é um processo fundamental da cognição, constituindo-se como a habilidade do ser humano para reunir, em categorias, entidades distintas como instâncias de uma mesma espécie.

A Semântica dos Protótipos, em sua versão estendida, permite acolher a visão da linguagem como SAC, pois compreende que, além de as categorias possuírem fronteiras fluidas, não sendo, portanto, nem bem delimitadas, nem determinadas a priori, são criadas e recriadas pelos seres humanos nas diversas interações cotidianas e nos conseqüentes atos discursivos que elaboram nessas situações comunicativas, a partir de frames, estruturas do conhecimento adquiridas ao longo da experiência, já constituídas, embora modeláveis, e que se encontram disponíveis, nas práticas geo-sócio-histórico-culturais de interação. Deste modo, também, as categorias, sendo criadas e recriadas, são sistemas abertos, adaptáveis que se acham em estado de equilíbrio instável, tendendo, assim como a própria linguagem, à entropia, sendo, por conseguinte, SACs.

A categorização é, então, um fenômeno inter-relacionado ao contexto, encontrando-se em equilíbrio instável, isto porque, ao categorizar, a humanidade organiza e reorganiza *on-line* esse mundo que cria, por meio da percepção tanto de semelhanças, quanto de diferenças, em um processo de inclusão e de exclusão *on-line* de elementos em uma dada categoria, o que é feito, a partir de um enquadramento cognitivo, em um dado

⁴ Para Capra (2006 [1996], p. 25), o mundo é visto como um todo integrado, e não uma coleção de partes dissociadas. Trata-se de uma visão ecológica da vida, sendo, para ele, o termo ecologia empregado em um sentido bem mais amplo e profundo do que, geralmente, é utilizado. Então, “a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)”.

contexto, quando nos discursos, são negociados, entre os interlocutores-categorizadores, os distintos mundos possíveis de serem (re)criados e (re)organizados.

Na categorização, ocorrem efeitos prototípicos e, nas categorias, verificam-se graus de prototipicidade e não a centralidade de um protótipo, que, por sua parte, é um fenômeno de superfície, é uma construção mental, resultado de operações cognitivas e emerge de uma categoria, tomando formas distintas, conforme o modelo categorial que o cria, inclusive, sem o estatuto de elemento fundador da estrutura categorial, de sorte que não necessário que haja grau de similaridade com o protótipo para definir se um elemento pertence ou não a uma categoria (KLEIBER, 1990; LAKOFF, 1987; ROSCH, 1978).

As categorias, portanto, não são fechadas em si, tendem, sempre, à mudança e à variação, assim como a própria linguagem. A mudança e variação acontecem não só porque as realidades individuais e sociais mudam, mas também, porque podem ocorrer novas perspectivas de um fato, de uma coisa, de um ser, de uma situação, sendo essas perspectivas diferentes das que já foram feitas em outro momento de interação, isto pode acontecer mesmo com aquelas categorias mais normatizadas, aprendidas, inclusive, na infância, ocorrendo, portanto, uma integração entre o individual e o social que não são vistos como dimensões separadas da vida humana, mas antes como uma rede em conexão, formada no mundo do discursos na e pela linguagem, o que ocorre em decorrência da cognição social da espécie humana.

2 EXPLICANDO O PERCURSO DA HISTÓRIA A SER CONTADA: A METODOLOGIA

Após ter explicitado o norte teórico adotado, é apresentado, nesta seção, o trajeto metodológico que tornou possível empreender o estudo que assumiu uma perspectiva qualitativa, tendo seguido uma abordagem exploratória, descritiva e interpretativa do *corpus* que foi constituído por postagens feitas no *Yahoo Respostas*, um site de perguntas e respostas.

Para proceder à seleção desse *corpus*, foram levadas em consideração algumas contribuições da Teoria dos Fractais, tal como proposto por Almeida (no prelo-a), de modo a mudar a perspectiva da constituição do *corpus* da quantidade para a qualidade, compreendendo que qualquer fenômeno linguageiro possui padrões de organização que se apresentarão em pequenas amostras da linguagem, pois a parte está no todo e o todo está na parte, conforme o princípio holográfico da TC (MORIN, 2009). Isto pode ser feito, porque a linguagem é um fractal, além de um SAC, como já foi, aqui, explicitado. Assim, a linguagem sendo um fractal, como observam Almeida e Santana (2019), possui algumas características que lhe são peculiares. Então,

um aspecto importante da forma dos fractais é a autossimilaridade que, de acordo com Capra (2006 [1996]), significa que cada parte de um fractal, em escala menor, é igual ou semelhante a todo o fractal, o que significa que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo. [...] Desse modo, pode-se demonstrar, matematicamente, que, na parte, já está inscrito o todo e, portanto, que a parte não somente é um todo em si mesmo, mas que ele é, ao mesmo tempo, uma réplica desse

todo. [...] Outra característica importante de um fractal parte da ideia de interação, ou seja, a repetição infinita de um determinado padrão geométrico (CAPRA, 2006 [1996]). Assim, além da autossimilaridade e da irregularidade, os fractais possuem complexidade infinita. A partir dessas noções, segundo Almeida (no prelo), quando um *corpus* é entendido como um fractal, cada texto [de um gênero] é um texto [mas que, embora independentes, são semelhantes a todos os outros textos do mesmo gênero] (ALMEIDA; SANTANA, 2019, p. 125).

Isto posto, compreende-se que o tamanho da amostra não deve ser uma preocupação, se o estudo não se constitui a partir de perguntas geradas pela perspectiva quantitativa do labor científico, já que as questões postas por estudos de natureza qualitativa possuem natureza bem diversa dessa outra perspectiva da ciência, assim como os produtos resultantes de cada abordagem.

A partir desse pensamento, procedeu-se à constituição do *corpus*, sem preocupações de ordem quantitativa. Essa constituição foi feita da seguinte forma: no site do *Yahoo Respostas*, foi usado seu motor de busca, para procurar, quer pelo item léxico *caralho*, quer pelas seguintes afirmações: 1) *Caralho é palavrão*; 2) *Caralho não é palavrão*; 3) *Mulher fala palavrão*; 4) *Mulher fala palavrão, caralho*; 5) *Criança fala palavrão* e 6) *Criança fala palavrão, caralho*. Conforme a consulta ia sendo realizada, selecionavam-se perguntas e/ou respostas que apresentassem o item léxico *caralho* e que se relacionassem com a variação categorial desse item do léxico.

Selecionadas perguntas e respostas, organizaram-se as postagens em um arquivo do *Word* e, já a partir da primeira coleta de dados, ia-se procedendo ao estudo das ocorrências em seus respectivos contextos de uso. Essas ocorrências foram postas em itálico para ressaltar as partes das postagens consideradas relevantes para a compreensão do fenômeno. Além disso, foi feita a indicação, em nota de rodapé, do endereço eletrônico de onde se coletou a postagem e do período em que ocorreu seu acesso. Ademais, foi conservada a ortografia, mesmo com equívocos em relação ao uso escrito mais monitorado do português, bem como foi mantida a pontuação e a acentuação constantes do texto coletado e, também, os espaçamentos das digitações e formatações originais.

Exposta a metodologia e os procedimentos metodológicos adotados para a facção do trabalho, na sequência, são aduzidos usos do cotidiano, para na seção subsequente, expor, enfim, os resultados alcançados.

3 ADENTRANDO EM UMA HISTÓRIA: USOS DO ITEM LÉXICO *CARALHO* NA INTERNET

O item léxico *caralho* é usado abundantemente no cotidiano da internet⁵, conforme é possível constatar, por meio de uma simples consulta ao *Google*. Em busca feita a esse motor da internet, em 18.05.2018, levantou, aproximadamente, 15.800.000 resultados, em 0.37 segundos; uma nova procura ao mesmo *Google*, realizada em 10.06.2020, revelou,

⁵ Os usos expostos nessa seção foram, também, coletados da internet, a partir do motor de busca do *Google* e, aqui, foram usados, apenas, para ilustrar a profusão de usos do item do léxico, cuja variação categorial está sendo enfocada, portanto os fragmentos de texto expostos nessa seção não fazem parte do *corpus* estudado.

aproximadamente, 33.700.000 resultados, em 0,35 segundos. Em menos de um ano, ocorreu uma ampliação significativa em termos numéricos de usos e, ainda que esses números não tenham sido tratados qualitativamente, apontam para uma crescente utilização favorecedora de mudança e da variação, a exemplo da variação categorial que, aqui, está sendo abordada.

Dentre os mais diversos textos que circulam na rede mundial de computadores, foi localizado um que se intitula *Os 10 palavras mais utilizados no Brasil* que, como indica seu próprio título, demonstra a vitalidade dessas palavras tidas como obscenas e/ou grosseiras:

“Com um total de **15.161 votos** a lista interativa (7) superou todas as expectativas e teve um recorde de participação. Sem mais delongas, pois posso ser xingado, trago o resultado da enquete: **Quais os palavras (palavras de baixo calão) você mais utiliza no seu dia-a-dia?** Confira.

*lembrando que está votação é para maiores de 18 anos e para não-moralistas e o caráter da enquete é voltado para o humor e a nível de curiosidade, não tendo o intuito de ofender ou menosprezar ninguém.

1º. Caralho: 12,41% (1882 votos) [...]”⁶

Como é possível constatar quem escreveu esse texto e projetou essa pesquisa considera necessário justificá-la e, inclusive, pensa ser necessário restringir seu público-alvo, pois essa enquete poderia ser considerada ofensiva por alguns, o que poderia gerar algum tipo de atitude insultuosa por parte de algum internauta. Entre os dez itens léxicos categorizados como *palavrões*, *caralho* figura na lista como o primeiro dos turpilóquios, o que autoriza conjecturar que se trata de um item amplamente empregado no cotidiano dos escreventes-internautas do Brasil e de membro constante da categoria *palavrão*⁷, com alto grau de prototipicidade.

Sua presença, entretanto, não fica restrita a respostas de enquetes ou a usos de alcova e/ou de botequim, como, inicialmente, alguém poderia ponderar. A extensão da sua utilização e a inserção em diferentes domínios discursivos pode ser atestada na internet. No âmbito da esfera social do jornalismo, é possível verificar, com a busca por esse item léxico no site da Folha⁸, sua participação em textos jornalísticos, já que essa procura revelou 276 registros desse item, como demonstram os seguintes exemplos:

⁶ Disponível em: <https://lista10.org/adulto/os-10-palavroes-mais-utilizados-no-brasil/>. Acesso em: 16 maio 2018.

⁷ Corroborar esse entendimento, o fato de esse item do léxico ter sido, também, arrolado como resposta para a seguinte pergunta feita no *Yahoo respostas*: “Qual palavrão vcs mais usam no dia a dia ?/ Os que eu mais uso Fu.der ,Caralh.o de Asa ,Porr*,Put* que pariue vcs?”. Assim sendo, *caralho* e sua variante *ca.raio* aparecem algumas vezes, entre outros elementos da linguagem categorizados como *palavrões*, a saber: *vai se fu.de*, *porr@*, *filho da pu.ta*; *vai toma no c.u* , *Mêrda*. *Desgraça*, *Bôsta*, *Carãmba*, *fuder*, *pdp*, *Pu@.\$ta que P@.arinu*. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC0wwigONeohgAeSjz6Qt;_ylu=X3oDMTBydWNmY2MwBGNvbG8DYmYxBHBvcwM0BHZ0aWQDBHNiYwNzcg--?qid=20120126045945AAvqc79 Acesso em: 12 jun. 2020.

⁸ Disponível em: <http://search.folha.uol.com.br/?q=caralho>. Acesso em: 16 maio 2018.

Nem Liminha Ouviu e Luneta Mágica abrem a sétima edição do Lollapalooza⁹

“[...] Olha só, protesto! Gilmar Mendes o caralho! [...] A gente tá chegando ao fim e a gente queria agradecer a vocês que estão aqui. É do caralho [...]”.

Cissa Guimarães se assusta no "É de Casa" e solta palavrão na TV¹⁰

“[...] Assustada, Cissa acabou soltando um “Ai que susto, e*” que pôde ser ouvido por todo o público”.

Os casos, antes apresentados, possibilitam saber que há um licenciamento para que se empregue o item *caralho* nesse domínio discursivo; estudos de Almeida (2019; 2016) sobre membros da mesma categoria têm revelado que esses usos licenciados são transcrições da fala de outrem e não do jornalista-autor da matéria, ou da notícia, ou de outros gêneros identificáveis na esfera jornalística. Também, aqui, nos contextos antes expostos, trata-se da transcrição da fala de alguém; no primeiro exemplo, trata-se da fala de um vocalista e, no segundo, da de uma apresentadora de um programa de televisão. Esse último uso demonstra, inclusive, a possibilidade de essa palavra ser proferida em um programa televisivo, ainda que em uma situação atípica.

Além disso, é importante observar que, no primeiro exemplo, tanto o nome *caralho* como a locução prepositiva *do caralho* foram escritas sem nenhum recurso que marcasse a peculiaridade do seu uso no texto do jornal, diferentemente do que ocorre, nesse último excerto em que se emprega a primeira letra da palavra seguida de um asterisco, para sinalizar que se trata de uma palavra que não se deve ou não se deseja mencionar. Essa marcação, também, pode deixar patente a categorização do item *caralho* como membro da categoria *palavrão*, o que não ocorre nos usos da primeira passagem, já que a escrita dessa palavra se dá de modo integral, sem qualquer marcação, permitindo pensar que, para o jornalista, não se faz necessário destacar seu uso. Seria essa falta de marcação um indício de esse item do léxico pode funcionar como membro de outra categoria? Ou de esse item não ser considerando por algumas pessoas elemento da categoria *palavrão*? Não possível responder, agora, a tais indagações; no entanto, vale lançá-las, aqui, visando a futuras reflexões.

Além de ser empregado no domínio discursivo jornalístico, documenta-se, também, na arte, de modo a se fazer presente em músicas, como em *Sexo Frágil é o Caralho*¹¹, da banda Garageira¹²:

Igualdade entre os sexos
Tranque o machismo no armário ...

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/nem-liminha-ouviu-e-luneta-magica-abrem-a-setima-edicao-do-ollapalooza.shtml> Acesso em 16.05.2018. Acesso em: 16 maio 2018.

¹⁰ Disponível em: <http://gente.ig.com.br/celebridades/2017-11-04/cissa-guimaraes.html>. Acesso em: 16 maio 2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garageira/1215647/> Acesso em: 16 maio 2018.

¹² No YouTube, informa-se que: “Música da banda Garageira..a banda foi fundada em São Paulo Zona Norte em 2005, a banda de punk rock terminou sua atividade em 2010, essa música é do segundo disco “Punk Rock de Garagem” de 2008, de um total de três discos gravados”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uENeT8guDjE>. Acesso em 10 jun. 2020.

Igualdade entre os sexos ...
Sexo fragil é o caralho !!!!
[...]

E, também, em *Propaganda Enganosa*¹³, de MC Carol:

[...] Sem fofoca, sem caô
Sem cutcharra e mimimi
Me comeu mal pra caralho
Eu gemi pra te iludir
Sem fofoca, sem caô [...]

Esses registros foram feitos no *punk rock* e no *funk*¹⁴, dois gêneros musicais que possibilitam usos linguísticos categorizados como *palavrões*. Mas esse item do léxico se limitaria a gêneros musicais tidos por alguns como subversivos? Uma consulta feita ao site *Recanto das Letras* evidencia que não, de modo a demonstrar que esse item não se restringe ao universo artístico musical, documentando-se, da mesma forma, na poesia, fazendo-se presente, em poemas, a exemplo de *Em Buenos Aires, me perdi*¹⁵:

[...] Leva teu amor para a os glaciais
Enterra o nos Andes com tua vida
A mim não amaras mais...
Caralho já estou com saudade!
Vou rir para não chorar...
Sigo pela vida o meu tango a cantar [...].

E de *Sorria, caralho*¹⁶:

[...] Sorria, *caralho*.
Sorria e mantenha a pose.
Sorria e deixe que pensem
Se entregue e sorria mais [...].

Por um lado, não é possível afirmar que os autores desses poemas tenham categorizado ou não esse item como *palavrão*, por outro, esses usos marcam a presença desse elemento do léxico nesse gênero literário.

¹³ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-carol/propaganda-enganosa/> Acesso em: 16 maio 2018.

¹⁴ O Yahoo respostas, possibilita saber que escreventes-internautas têm consciência do fato de palavrões serem usados no rock e no funk, como demonstram respostas dadas à seguinte pergunta: “É proibido música com palavrão?": 1) “É normal.../Vê músicas de rock, heavy metal, rap... tá cheio/Obs.: Eu curto heavy metal tá...”. 2): “não é proibido não.../imagine os funks toscos ¬¬”, que é palavrão a música inteira.../se fosse proibido, o funk já taria extinto, (seria bom) euayeaue/também tem algumas bandas brasileiras que usam ou usaram palavrões (mas tem qualidade ao contrario do funk carioca)/como.. Raimundos, mxpx, mamonas assassinas, e etc.../então não é proibido não.../atémais/abrçs”. Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20101212051847AAgII2Z> Acesso em: 12 jun. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/metapoemas/6228974>. Acesso em: 12 jun. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/6059113>. Acesso em: 10 jun..2020.

Saindo da esfera da literatura e indo para a das redes sociais *on-line*, como esperado, acontecerá seu registro em diferentes postagens que circulam nessas redes, a exemplo da *Facebook*:

Caralho garota, tu é incrível.

Eu já te vi chorar, sem derramar uma só lágrima. Isso é só uma fase ruim tudo isso vai passar, não hoje, muito menos amanhã mas vai passar¹⁷.

Edit 2: *Caralho*, esqueci de atualizar meu título eleitoral para o nome de casada, inclusive parece que essa tour não tem fim¹⁸.

Nas redes sociais, inclusive, como acontece com *porra* (ALMEIDA, 2018), *caralho* vai ser empregado para nomear comunidades do Facebook, como *Caralho eu to muito assustada*¹⁹ ou *Orrabo de Caralho*²⁰, gerando novos usos do léxico antroponímicos.

Esses usos revelam que, mesmo sendo reconhecido como um *palavrão* e mesmo tendo figurado como o primeiro *palavrão* do Brasil na enquete antes citada, o item léxico *caralho* pode ser utilizado em distintos espaços sociais discursivos: o jornalístico, o literário, o das redes sociais, entre outros. É possível que isto aconteça, porque alguns elementos da categoria *sexualidade*, como já demonstraram Almeida (2016) e Santos e Lins (2016), podem conhecer variação categorial, o que acontece, por exemplo, com *foda*, *foder*, *porra*, entre outros elementos dessa categoria, formando, inclusive, uma polissemia autoantonímica (polissemia em que ocorre oposição entre os sentidos atribuídos a um item do léxico), atrelada a conceptualizações duais e polares do sexo, como explicitou, também, Almeida (2016), e do próprio corpo, como aqui observado.

Elementos dessa categoria, para além de serem nomes para referenciar o *corpo humano* ou suas *excreções* conectadas ao sexo, são entendidos, também, como *palavrões*, como *tabuísmos*, como *obscenidades*, e, ainda, como *interjeições*, e essa variação categorial relaciona-se à emoção que se acha, intrinsecamente, relacionada à produção de linguagem do ser humano e a suas ações no mundo, como explica Maturana (2009 [1998]). As ações, geradas pelas emoções da espécie, como observa Damásio (2011 [2009]), interconectam-se a formas de pensar e a ideias, de tal sorte que, nas interações de que participa, se o ser humano estiver sob uma emoção, elaborará a linguagem de uma maneira, todavia, se estiver em outros estados de emoção, criará outras formas de linguagem. Assim sendo, a emoção está no âmago da variação do sistema linguageiro.

No que concerne ao item léxico, aqui, posto em destaque, em estados de emoção distintos, esse item poderá ser categorizado de diferentes modos, por exemplo, se uma

¹⁷ Disponível em https://www.facebook.com/search/top/?q=caralho&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=caralho&epa=SEARCH_BOX Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/caralhoemuitoassustada/community/?ref=page_internal. Acesso em: 10 jun. 2020.

²⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/orrabodecaralho/about/?ref=page_internal Acesso em: 10 jun. 2020.

podemos dar uma 'marretada' na pessoa, a gente xinga ... com todos os Ós , os As e os Ús ...
rsrsrsrsrs/Bjoca.

A imbricação das dimensões da vida humana, bio-psíquico-cognitiva e geopolítica-sócio-histórica-cultural-ideológica criam redes de sentidos que são produzidas pelos seres humanos na e pela linguagem nas mais diversas situações de comunicação e, nessas redes, torna-se possível a variação da linguagem. Isto posto, na sequência, serão apresentados os resultados alcançados, explicitando a variação categorial e produzindo algumas reflexões acerca desse fenômeno, a partir do estudo do *corpus*.

4 CONTANDO UMA HISTÓRIA: A VARIAÇÃO CATEGORIAL DO ITEM LÉXICO *CARALHO*, ATRAVÉS DE USOS DA INTERNET

Ao pesquisar “*caralho* é palavrão” e “*caralho* não é palavrão”, no *Yahoo respostas*, acham-se diferentes perguntas e, também, respostas para essa busca. Ao lê-las, contata-se que, apesar dessa profusão de resultados, há um padrão que se repete, isto porque, além de um SAC, a linguagem é um fractal, como já assinalado. De lado, há quem diga que esse item do léxico é um *palavrão*, sem mais delongas, e, por outro, há quem flexibilize seus usos, de modo a não o inserir nessa categoria.

Para uma reflexão sobre a presença desse item na categoria *palavrão*, segue a pergunta de um internauta no referido site: “Caralh0 é um bom conceito pra salvação do planeta terra²³?”. Entre as respostas, outro internauta afirmou sem qualquer ponderação: “***** é um palavrão”. Outra pessoa, por sua parte, procurando saber informações sobre essa categoria, questiona: “Costumam dizer muitos palavrões²⁴???? Eu as vezes solto um palavrão...Mais é sem querer...”. E outra pessoa a responde:

eu so uma boca suja do *****!!!/na escola entaum, o pessoal fala preu me controlar, mas num consigo, quando vejo jah to falando/pUUt@ ki pariu, car@lho! q poRR@ eh essa meu?/o problema eh ki o pessoal diz q num pega bem menina boca suja, mas eu num fa;o por mal, mas eu confesso q sou bem cara d pau, quando chegam e dizem, Bruna vc fala muito palavraum?/eu digo/pUut@ ki pariu, vai tomar no **, c sabe q eu num falo palavraum poRR@!!!!/e na sala? eu fico cantando/PUuuu@@ ki pariu [...] mas eu num fa;o por mal, eh habito, mas eu to tentando parar com isso, num dah certo sabe?/xau!

E mais outra pessoa responde a mesma questão: “ah só qndo fia da put@s de pessoas me irritam, eh um c@raio ter q aguentar essas porr@s por isso eu tenho q dizer umas merd@s de palavrão.... rrsrs to brincando, mas as vezes eu falo alguns sim, ninguem

²³ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1zGyeeJe4y0AbjLz6Qt;_ylu=X3oDMTBybGY3bmvvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20110205045952AA4I7Md
Acesso em: 11 jun. 2020.

²⁴ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1zGyeeJe4y0AeDLz6Qt;_ylu=X3oDMTByMHZ0NG9yBGNvbG8DYmYxBHBvcwM3BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20080222095139AATfXHz
Acesso em: 11 jun. 2020.

eh de ferro”. Ainda na mesma direção, visando a conhecer os usos dessas palavras, alguém faz a seguinte indagação: “Qual é o pior palavrao? vc é a palavra mais feia que existe²⁵?!”. E outro alguém comenta: “O mais feio é B.....!!! E quando eu fico p da vida, logo grito um C*R*L*O!!! Nossa!!! Chega a dar um alívio!!!! Essa palavra é muito boa em todos os sentidos!!!!!! Rsrrsrsrsr!!!!”.

Entre tantos outros itens da categoria, *caralho* apareceu em três respostas antes apresentadas, o que possibilita pensar que há, indiscutivelmente, uma importante categorização de *caralho* como um *palavrão*. Também, um dos comentários feitos viabiliza ter conhecimento do seu uso por mulheres e que esse uso não é bem visto (“[...] car@lho! [...] num pega bem menina boca suja, mas eu num fa;o por mal”). Além disso, fica explícita a intrínseca relação entre palavrões e emoções (“[...] na escola entaum, o pessoal fala preu me controlar, mas num consigo, quando vejo jah to falando), deixando explícita a crença do possível controle do uso de *palavrões*, portanto, da linguagem, sobretudo, por mulheres, além de expressar a crença de ser o uso de *palavrões* uma questão de costume, tratando-se de uma atitude linguística que pode ser mudada (“eh habito, mas eu to tentando parar com isso”). Há, ainda, a percepção da catarse gerada pelo uso dessas palavras, dentre elas, *caralho* (“E quando eu fico p da vida, logo grito um C*R*L*O!!! Nossa!!! Chega a dar um alívio!!!!”), o que, da mesma maneira, se relaciona às emoções e à catarse provocada pelo uso da linguagem dita de mau gosto.

Algumas pessoas demonstram ter alguma consciência sobre mudanças de sentido desse item em alguns contextos, o que leva a uma variação da sua categorização. Então, para a pergunta “Vc sabia que a palavra P--UT-A não é uma violação da comunidade Yahoo²⁶?”, [...], como resposta, foi posto que:

Em alguns casos, palavras consideradas obscenas não são violação, como por exemplo, demonstrar emoção do tipo: "Eu sou um **** de um vencedor", mas a palavra será sempre ocultada pelos asteriscos, quando o palavrão for feito para insultar alguém, isso será considerado uma violação./No seu caso, você utilizou-se de métodos para não ocultar a palavra, isso é trapaça./Um abraço./-/Foi isso que eu falei, quando é para demonstrar emoção, tipo: "Essa banda é do *****! boa demais!", a palavra ***** não será considerada insulto, será permitida, mas será ocultada.

No texto antes transcrito, ainda que algumas palavras tenham sido silenciadas pelo uso de asteriscos, é possível recuperá-las, somando o número de letras utilizadas ao fato de essas palavras funcionarem como intensificadores, sentidos passíveis de ser compreendidos pela parte do texto que não foi ocultada e pelo conhecimento enciclopédico da pesquisadora. Com essa recuperação, é possível concluir que *puta* e

²⁵ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C4efOJe3D0ANgzz6Qt;_ylu=X3oDMTBybGY3bmpvBGNvbG8DYmYxBHBvcwMyBHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20080312105648AAujct
Acesso em: 11 jun. 2020.

²⁶ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1TEbU.Ne2WIAewHz6Qt;_ylu=X3oDMTByNXM5bzY5BGNvbG8DYmYxBHBvcwMzBHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20120329161609AAr8cek
Acesso em: 11 jun. 2020.

caralho podem fazer parte da categoria *palavras obscenas*, que, por sua vez, pode ser concebida como uma subcategoria da categoria *palavrão*, mas, no caso, a obscenidade acaba sendo, metonimicamente, apagada, quando essas palavras funcionam como intensificadores, porque, segundo a percepção dos internautas-categorizadores, estariam expressando emoção e não insultando outras pessoas, embora itens léxicos da categoria obscenidade não sejam propriamente insultos.

A pergunta a seguir, também, possibilita pensar sobre a variação que acontece com elementos da categoria *palavrões*: “Usei esta palavra Cacete²⁷?/E ae pessoal! Dúvida! Estava junto de uma garota e falei a palavra 'cacete'! Eu já ouvi dizer que depende do contexto, pode ou não ser palavrão! Assim como eu disse, é ou não é:/”Este prédio já é antigo pra cacete!””. A questão posta demonstra que o internauta tem conhecimento que o contexto interfere na categorização, embora tenha dúvidas que motivaram a sua proposição.

Já uma resposta que lhe foi dada, permite inferir que *caralho* na locução *pra caralho* não é visto, por alguns categorizadores como membro dessa categoria: “Comum, eu teria dito “este prédio é antigo pra *****” e não teria achado que falei um palavrão, praticamente todo mundo usa a palavra cacete ou caramba nesse contexto”. Mesmo não tendo sido expresso, na postagem, esse item do léxico, o conhecimento de mundo da pesquisadora e o número de asteriscos que substituem as letras não escritas possibilitam afirmar que a pessoa usou *pra caralho* como sinônimo de *pra cacete*²⁸.

Outro internauta faz algumas considerações acerca de participação do item *caralho*, entre outros, nessa categoria dos *palavrões*, ao fazer as seguintes ponderações e pergunta²⁹:

“Responderam uma pergunta minha, o que me lembrou de um debate que tenho a propor à vocês: Palavrões!? Palavras como: "****" "*****" "*****" são consideradas palavrões, sendo que no significado real, são: "Transa", "Penis" "Esperma". E essas palavras portuguesas/brasileiras enfim, não são consideradas palavrões: Com base nisso, é correto entender "****" "*****" e "*****" como palavrões?”.

Apesar do *Yahoo Respostas* censurar essas palavras com o emprego de asteriscos, categorizando-as, assim, como *palavrões*, ou *tabuísmos*, ou *obscenidades*, é possível inferir que sejam: *foda*, *caralho* e *porra*, porque são dados, respectivamente, como sinônimos *transa*, *pênis* e *esperma* e, também, porque foram postos uma quantidade de asteriscos que

²⁷ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C69c.NeaDYAIQvz6Qt;_ylu=X3oDMTByMHZ0NG9yBGNvbG8DYmYxBHBvcwM3BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20130902144807AAooQtW. Acesso em: 11 jun. 2020.

²⁸ Poder-se-ia pensar que a palavra suprimida seja *caramba*. No entanto, observa-se que *caramba* não foi substituído por asteriscos pelo *Yahoo Resposta*. Mesmo assim, há, também, a possibilidade de a palavra suprimida ser *caramba*. Mas, por considerar que essa palavra é uma variante de *caralho*, manteve-se essa ocorrência no estudo, assumindo que quem deu a resposta fez uso de *caralho* ou de sua variante *caramba*.

²⁹ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1TEbU.Ne2WIAfQHz6Qt;_ylu=X3oDMTBydWNmY2MwBGNvbG8DYmYxBHBvcwM0BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20150112193126AAtPLmM. Acesso em: 12 jun. 2020.

corresponde número de letras com as quais se escrevem aquelas palavras. Essa pergunta expressa a dúvida do internauta em relação à categorização desses itens e isso decorre da variação e do processo de “desxingamento” pelo qual passam os itens da categoria *palavrões* que funcionam, ademais, como membros da categoria *sexualidade*, como demonstra Almeida (2016; 2019), em estudos recentes sobre *foda* e *porra*. Então, diante dessa variação e desse processo de “desxingamento”, as pessoas-categorizadoras passam a ter dúvidas sobre a categorização desses elementos.

Foram dadas três respostas à pergunta, antes exposta, a primeira foi descartada, porque se referia a Pinto³⁰, funcionando como antropônimo, assim como a segunda (“cara eu acho que ***** não é um palavrão sinceramente”), porque o internauta se referia à *porra*, pois, apesar de ter sido silenciada pelo asterisco, foi possível inferi-la pelo número de letras que possui associado a quantidade de asteriscos usados pala substitui-la. A terceira resposta postada foi: “Eu acho que as pessoas deveriam parar de encanar com esses palavrões, pois são palavras como quaisquer outras...”. Nessa última, esses itens do léxico foram categorizados como *palavrões*, ainda que a pessoa não demonstre crenças nem atitudes linguísticas preconceituosas em relação a esses itens do léxico.

Exposta a discussão sobre a variação categorial do item léxico *caralho*, ainda, resta indagar se terá o escrevente consciência dessa variação? Mattos e Silva (2004) observa que pouco ou quase nada se sabe sobre o que sabe o falante a respeito da linguagem. Então, para buscar refletir a propósito desses saberes constituídos, na seção a seguir, aduzem-se algumas considerações acerca da consciência a respeito dos usos de *palavrões*, em geral, e de *caralho*, em particular, feitos por homens, mulheres e crianças. Nesse sentido, as questões colocadas são: em que medida as variáveis sexo, faixa etária implicam em uma dada variação categorial? Seria o item léxico *caralho* dito/escrito por uma mulher mais palavrão do que quando dito/escrito por um homem? E se for dito/escrito por uma criança? Mesmo que não seja possível respondê-las em um artigo, essas questões postas possibilitam que sejam feitas importantes reflexões a respeito do fenômeno da variação categorial, colaborando, de algum modo, para seu entendimento.

4. 1 CONSCIÊNCIA SOBRE A VARIAÇÃO ENTRE SEXOS NO USO DE PALAVRÕES: O USO DO ITEM LÉXICO *CARALHO* EM DESTAQUE

Algumas questões postas no *Yahoo Respostas* possibilitam que sejam feitas reflexões sobre a variação categorial dos *palavrões* e, em particular, do item léxico *caralho*. Um internauta-categorizador faz algumas ponderações e questiona:

³⁰ Para conhecimento, a resposta será aqui transcrita: “e se eu tenta-se escrever em uma resposta que trabalho voluntariamente na escola MARIO PEREIRA ***** onde esta o palavrão”. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1TEbU.Ne2WIAfQHHz6Qt;_ylu=X3oDMTBydWNmY2MwBGNvbG8DYmYxBHBvcwM0BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20150112193126AAAtPLmM. Acesso em: 12 jun. 2020.

Será que Isso atrapalha em um relacionamento³¹?/Po cara, acho que tem uma mina gostando de mim, aí eu não sabia, e boto fé que ela escutava eu falando:/- Sobre Algumas mulheres bonitas/- Uns Palavrões Básicos com meus colegas tipo... (P0RR4 véi, ah C4R41, vai pra M3RD4)/* Coisas De Homens/- Pra mim não tem problemas, Todo homem fala palavrão com os amigos, mais com uma garota eu nunca vou falar palavrão.../E Tipo... pra ela não pode ser normal um cara falando merd@ assim! Kk

Nesta postagem, um jovem expressa suas crenças sobre um homem não dever usar palavrões, dentre esses, *caralho*, diante de uma mulher, e, também, sobre ser considerado natural que homens usem esse vocabulário considerado grosseiro e/ou obsceno, assim como evidencia crenças, ditas de mulheres, acerca de homens que utilizam esses elementos do léxico; além disso, ele expõe suas próprias atitudes linguísticas (ao menos é expresso, em seu post, aquilo que acredita serem suas atitudes linguísticas), praticadas quando se encontra em interação com alguma jovem.

Mudando o foco da discussão do uso de palavrões por homens e focalizando no uso feito por mulheres, uma internauta teceu algumas considerações e propôs uma questão no *Yahoo Respostas*:

Cara-lho, como é feio uma mulher falar palavrão, onde quer que ela esteja....? Vcs não concordam....?. [...] “Pq para homens a maioria não considera q é tão feio, e para mulher considera q é...???” [...] “joao... vc não viu o q o jose falou...???” faço dele as minhas palavras... cara-lho só s torna palavrão dependendo do seu tamanho.... não falei palavrão po-rra nenhuma...³².

A pergunta e as ponderações, antes transcritas, parecem ratificar a postura discriminatória dos usos de *palavrões* feitos por mulheres, ainda que registrem itens do léxico que podem ser categorizados como *palavrões*, como o próprio *caralho*. No entanto, os usos feitos não assumem, no contexto, a função de *palavrão* e, além disso, ela assegura não os ter usado. Inclusive, um emprego do item *caralho* ocorre em referência ao *órgão genital-sexual* do homem, usado com a finalidade de acionar estereótipos sociais em relação ao tamanho do pênis, com propósitos jocosos-ofensivos. São presentes, nessas passagens textuais, crenças tanto a respeito da linguagem usada por mulheres, quanto a propósito de uma suposta relação entre o tamanho do chamado membro virial de um homem e a sua sexualidade-masculinidade.

Ainda sobre essa questão e essas considerações, entre as respostas dadas, há quem concorde, há quem discorde com o preconceito que expressam e com essa normatização

³¹ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC0CZaeuNeI3AAOgDz6Qt.;_ylu=X3oDMTByOHZyb21tBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20130618195941AACksxu Acesso em: 12 jun. 2020.

³² Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1zFgCOJeBnwAGxHz6Qt.;_ylu=X3oDMTByNXQ0NThjBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20130114034445AA1mZI1 Acesso em: 11 jun. 2020.

dos usos linguísticos feitos por mulheres e por homens³³, e, entre os que discordam, uma pessoa, que pela foto do perfil parece ser uma mulher, comenta: “Concordo po/ha nenhuma, caralh/o d ninguém tem que dizer o que é certo ou errado.”. Neste caso, a mulher parece conceber os itens *caralho* e *porra* como elementos da categoria *palavrão* e não se apresenta como alguém que pretende recuar em seu uso, já que cita alguns, em sua própria postagem.

Em outra postagem, nesse mesmo sentido, uma pessoa anônima pergunta: “oq vcs acham de mulher q sempre perde o eixo e não segura alguns palavrões³⁴?/tipo vai si ****/filha da **** ou amulher sempre em todas as horas precisa ser delicada?”. Aqui, parece motivar a pergunta feita a crença social que propaga a necessidade de a mulher ter de conter, regularmente, suas emoções, devendo achar-se em estado constante de polidez linguística; além disso, deixa patente a relação intrínseca entre emoções e *palavrões*, como outras postagens realizadas nesse mesmo site. A questão, ainda, parece ser proposta com base na dúvida do internauta acerca da categorização dos comportamentos linguísticos de uma mulher (amulher sempre em todas as horas precisa ser delicada?).

Outra pessoa que, também, não é possível identificar se se trata de uma mulher ou de um homem responde:

PQP menina! Q m.e.rd.a de pergunta é essa?/Não tinha por.ra melhor pra perguntar não?/Vai se fu..Caraiol/Bom, vc deve ter achado estranho.../Os palavrões ferem muito à quem os ouve, mas quase nada à quem os diz./Falo meus palavrões...dias mais, dias menos, mas sempre que possível eu evito./Não tem coisa melhor, entretanto, do que ter o poder nas mãos quando se grita PQP!!! Dá um silêncio geral e a atenção é toda sua. O importante é saber o q fazer depois disso.../Amo a delicadeza da mulher, mas um palavrão e outro, aqui e ali, não fazem mal à ninguém. E Fo.da-se quem acha o contrário!/Beijuxxx

Na resposta, anteriormente, transcrita, além de demonstrar o uso de diversos *palavrões* por parte da pessoa respondente, a exemplo de *caralho*, o que parece ter sido feito para causar a emoção de estranhamento em quem fez a pergunta, pois, depois desse uso e de ter feito ofensas, que não foram necessariamente expressas por esse uso dos *palavrões*, ela expõe a crença de esses serem, sempre, elementos linguísticos com função ofensiva, parecendo ignorar, ao menos é o que permite pensar seu comentário, outras funções importantes dos *palavrões*, como a catártica. A questão, ainda, parece demonstrar que, para

³³ Seguem as respostas dadas para conhecimento: “pq é assim que é e não tem conversa..”/ “Não que ache bonito homem falar, mas é um linguajar masculino, e a mulher quando é masculina, de uma certa forma, acaba ficando feia”./“mulher que acha feio mulher xingar e anti-feminista e machista.ora bolas nem me importo com mulher que xinga eu sinto e mais tesão quando elas xingam .melher tem que xingar mesmo tem que ser e femea .você acabou de falar palavrão sua despeitada”/“Eu acho feio tanto o homem quanto a mulher falar, mais a mulher é verdade fica muito pior doque o homem..bjos”. Disponível em: https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1zFgCOJeBnwAGxHz6Qt;_ylu=X3oDMTByNXQ0NThjBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20130114034445AA1mZI1 Acesso em: 11 jun. 2020.

³⁴ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC0CP4deJe1hUAskvz6Qt;_ylu=X3oDMTByOHZyb21tBGNvbG8DYmYxBHBvcwMx BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20080423114631AAb9sQ1 Acesso em: 11 jun. 2020.

ela, *caralho* é um elemento com menor grau de prototipicidade na categoria *palavrão*, dado que sua autora lhe nega o status de *palavrão*, assegurando não o ter utilizado, o que é aceitável, já que, como assinalado, ela faz referência, em sua postagem, ao *órgão genital-sexual* do homem.

E algumas mulheres dão outras respostas:

quando estou nervosa fico mandando tomate cru.....chingando.....o baralho.....mas sao involuntarios quando vi ja falei.....é feio mesmo...mas é difícil se controlar.bjkas

eu ADOOOOORO ../eu mesma fala palavrao pra ***** ../e ****-se o mundo ./sou felizz .. siauhsiahs :D

Esses comentários deixam saber que nem todas as mulheres categorizam itens léxicos tidos como *palavrões*, a exemplo de *caralho* – inclusive, usados em suas respostas (*baralho*, na primeira, e *pra ******, na segunda³⁵) – como indizíveis. A primeira respondente associa o uso desses elementos do léxico ao sentimento das emoções, de modo que não há dúvidas acerca do reconhecimento dos escreventes sobre a conexão visceral entre a produção da linguagem e as emoções, deixando ver a função primitiva do *palavrão*, tal qual aponta Pinker (2008). A segunda internauta deixa claro que tem conhecimento a propósito dos preconceitos em relação a *palavrões* presentes em boca de mulheres, entretanto, isto não parece interferir em suas atitudes linguísticas; ela, também, ao se afirmar como uma pessoa feliz por usar *palavrões*, liga o uso do *palavrão* à emoção da alegria, geradora da felicidade, como ela assinala, e do prazer, como, aqui, é acrescentado.

A par dessas reflexões iniciais, esses posts possibilitam averiguar tanto o uso escrito de *palavrões* por mulheres, quanto a consciência de homens e de mulheres acerca dos usos variáveis dos *palavrões*, em geral, e, de *caralho*, em particular. As perguntas e respostas, ainda, permitem conhecer crenças e atitudes em relação ao uso de *palavrões* por mulheres e por homens. A existência dessas crenças e atitudes fez, inclusive, emergir o engajamento, quer para que questões fossem produzidas, quer para que respostas fossem dadas, gastando o tempo de diferentes pessoas, nesta atividade sem qualquer fim lucrativo, apesar da geração de pontuação, do ganho de medalhas e do possível reconhecimento dessas pessoas como membros ilustres dessa comunidade.

Com este estudo, é possível concluir que a categoria *palavrão* é, como todas as categorias, fluida e sem limites, previamente, demarcados, e isto ocorre não apenas em relação a grupos sociais, como o dos homens e o das mulheres, mas também, no tocante à individualidade das pessoas, então, há mulheres que concebem palavras, a exemplo de *caralho*, como elementos mais periféricos dessa categoria, outras, porém, podem concebê-las como elementos com maior grau de prototipicidade nessa mesma categoria e, até

³⁵ Deve ser observado que a troca de um *palavrão* por uma palavra com corpo fônico muito próximo não indica necessariamente um eufemismo por parte das escreventes, apenas, podem ser um recurso que usam para que o Yahoo não censure as respostas.

mesmo, há aquelas que os categorizam como sendo indizíveis, censurando-os em qualquer situação.

Apesar disso, o estudo deixou explícito, também, que a situação pode fazer com que alguém que, comumente não use *palavrões*, venha a usá-los. Então, mesmo uma mulher que conceba serem itens do léxico, como *caralho*, partícipes da categoria *palavrão* e que, para ela, essas palavras tenham, nessa categoria, alto grau de prototipicidade, mas sem serem completamente censuradas por elementos culturais, como a religião, podem pronunciá-los em uma dada situação, a exemplo de uma topada. Isto, porque, como visto, há uma intrínseca inter-relação entre as emoções humanas e a produção da linguagem, como já deixou patente Maturana (2009). Além disso, o fato de algumas pessoas não estarem categorizando *caralho* como *palavrão*, ou em caso de assim categorizá-la, estarem vendo-a como um elemento de baixo grau de prototipicidade na categoria, tem colaborado para que seu uso se propague, indo em direção ao desxingamento, cristalizando a mudança.

Se a categorização desse item como *palavrão* ou não decorre mais da percepção individual e dos valores das pessoas adultas, não se prendendo completamente ao seu sexo e à formação geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológica constituída pelo gênero do ser humano, e acontece, a partir da inter-relação de conhecimentos armazenados em frames constantes de suas respectivas mentes e de emoções afloradas na interação de que participam em um dado contexto, o que dizer, quando o uso desse item é feito por crianças? Como ocorre a percepção e categorização desse uso por adultos? Quando dito por uma criança, há flexibilização na categorização? A próxima subseção oferece algumas reflexões que podem contribuir para responder a essas questões e para pensar sobre a variação categorial em pauta, quando envolve crianças, ainda que não seja possível respondê-las, neste momento, pela amplitude do alcance os problemas que colocam.

4.2 CONSCIÊNCIA SOBRE USOS DE PALAVRÕES NA INFÂNCIA: O USO DO ITEM LÉXICO *CARALHO* EM DESTAQUE

O fragmento de texto, a seguir, transcrito traz o item léxico *caralho* categorizado como *palavrão*; além disso, demonstra que, no cotidiano escolar, crianças costumam falar esse tipo de palavra e, entre os citados, aparece, nesse excerto, *caralho* na locução *ir para o caralho*:

Passar nos corredores e ouvir “*vai pró caralho*”, assim... tão natural como a sua sede...³⁶

[...]

É mesmo assim... sem filtros nem letras esquisitas a codificar as vogais para não ferir os olhos. *Os corredores das escolas não têm Piiiii, nem reticências nos palavrões* [...] Na selva dos corredores quem dita as leis não são os professores ou os pais, são os meninos e meninas no seu estado mais puro, no seu estado mais selvagem. [...] Quantos professores já não fingiram não ouvir os palavrões? [...] No espaço de 20 metros ouvi um “*vai para o caralho*”, um “foda-

³⁶ Disponível em: <http://www.comregras.com/passar-nos-corredores-e-ouvir-vai-para-o-caralho-assim-tao-natural-como-a-sua-sede/>. Acesso em: 16.05.2018.

se”, um “vais violá-la” e um “puta”, assim, tão natural como a sua sede, entre risos de aceitação e de total normalidade...

O uso de *palavrões* por crianças em ambiente escolar parece ser recorrente e motiva a feitura de algumas perguntas, no *Yahoo Respostas*, como: “Como fazer uma criança parar de falar “palavrões” na escola? Tem algum livro infantil que fale a respeito³⁷?”.

Além disso, é possível saber, por esse site, que, por um lado, crianças podem começar a falar *palavrões*, desde a mais tenra idade, mas que, por outro, também, podem dizê-los pela primeira vez já caminhando para o final da adolescência, como deixa saber as respostas para a pergunta: “com quantos anos vc começou a falar palavrões³⁸?/palavrões = xingamento”, pois há pessoas que afirmam terem começado a utilizá-los aos dois, três, sete, onze, dezesseis anos, portanto, por toda a infância, pré-adolescência e adolescência. Essa pergunta, ainda, obteve uma resposta jocosa de um internauta: “Quando eu nasci, o médico foi dar um tapinha pra eu chorar e eu gritei “P0rra, machucou *caralho!*””, para dizer que falava *palavrões*, desde sempre, isto é, é desde sua primeira infância.

Contudo, apesar da utilização desse item no contexto escolar e do conhecimento pragmático por parte das crianças acerca de quando usá-lo, elas não conhecem, exatamente, a rede semasiológica dos *palavrões* e, em particular, a do item aqui posto em pauta, como demonstra Alencar (2017),

Os *palavrões* “carai”, “caralho” e “porra” foram classificados nesse campo semântico [das palavras que giram em torno do sexo], mas os alunos não explicitaram uma definição clara sobre o significado. Apenas um aluno comentou que “caralho é pênis”, mas não tinha “muita certeza” desse significado. Nesse instante, notamos certo pudor na turma, e preferimos não seguir com a busca da definição, por motivos de restrições pedagógicas, para que não entendessem como uma atitude lasciva, que ferisse a moralidade.

O estudo de Alencar (2017) evidencia, então, que, para além de usarem um *palavrão*, as crianças, ao perceberem que uma palavra, como *caralho*, pode significar uma parte do corpo humano relacionada ao sexo, no caso *pênis*, podem recategorizá-la, inserindo-a na categoria *tabuísmo*, podendo modificar, assim, suas emoções e seus usos de linguagem.

³⁷ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrE9yBoWeJeSwwAbAPz6Qt;_ylu=X3oDMTBydWNmY2MwBGNvbG8DYmYxBHBvcwM0BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20110512134750AAAnjdSL Acesso em: 11 jun. 2020.

³⁸ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC0CZaeuNeI3AASADz6Qt;_ylu=X3oDMTByaWg0YW05BGNvbG8DYmYxBHBvcwM4BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20140303201220AAqK7i Acesso em: 12 jun. 2020.

O uso de *palavrões* por crianças, também, envolve crenças e gera atitudes³⁹, não poucas vezes, preconceituosas, inclusive, não só linguísticas, como deixam conhecer algumas postagens do *Yahoo Respostas*, como: “Vc fala muitos *palavrões*? E o que acha de crianças que fazem isso? [...] O que vc acha de crianças dessa idade que já tem um *vocabulário tão sujo*⁴⁰?”. Entre as respostas, uma pessoa-categorizadora afirma: “*Sinceramente, eu acho que são crianças mal criadas.*[...]”. Neste caso, nitidamente, as crianças deixam de ser, simplesmente, crianças e passam categorizadas como mal-educadas, o que, provavelmente, gerará pensamentos, linguagens e ações diferentes em relação a essas crianças.

Para a pergunta, “*minha fala palavrão, que faço*⁴¹?”, uma das respostas foi: “vc tem ki substituir o *palavrao* por palavras que rimao/tipo/***** - *baralho*/Filho da **** - vai comer fruta/essas coisas assim ...”. Quem dá a resposta crer que, para evitar o uso feito por crianças do item léxico *caralho*, além de *filho da puta*, por serem elementos da categoria *palavrão*, deve-se enganá-las, iludindo-as, usando palavras com fonética próxima.

Embora não tenham trazido o item léxico *caralho* nem nas perguntas, nem nas respostas, algumas postagens demonstram um excesso de rigor de adultos, em relação ao uso de *palavrões* por crianças, o que permite inferir que, se *caralho* ou outra palavra, que podem funcionar como membro da categoria *palavrão*, forem ditas por uma criança, a possibilidade de variação categorial diminui, sensivelmente, de modo que, nesse caso, para alguns adultos, a categoria parece tornar-se mais engessada, com menor possibilidade de flutuação, como demonstram os seguintes exemplos coletados do referido site, para a pergunta: “como eu faço para tirar o *palavrao* da boca de uma criança ?????/meu filho fala muito *palavrao* como eu faço para tirar ??????⁴²”:

Não diga e não deixe que digam palavrão perto dele. Crianças aprendem com os adultos. seja mais prudente. corrija-o dizendo que é feio mas não espanque pois ele aprendeu com adultos.

Coloque pimenta na língua!

Paciência, corrigir sempre./Exemplo, não falar em casa na sua frente./Tentar explicar que certas palavras são "feias", é difícil a criança entender.

Faz um cofrinho para ele, e diz que a cada dia que ele não falar você coloca moedas lá.

³⁹ Disponível em:

http://www.uern.br/controldepaginas/defendidasem2017/arquivos/4219nubia_lacio_de_alencar_disser_taa%afo_em_pdf.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.

⁴⁰ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C5DTuJegwEAdSbz6Qt;_ylu=X3oDMTByNXQ0NThjBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20140327141822AA24gcM Acesso em: 11 jun. 2020.

⁴¹ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C5DTuJegwEAfybz6Qt;_ylu=X3oDMTBzdWd2cWI5BGNvbG8DYmYxBHBvcwMxMAR2dGlkAwRzZWMDc3I--?qid=20100804181137AA5NeQ5 Acesso em: 11 jun. 2020.

⁴² Disponível em:

<https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1CpP8uReBFgAgz_z6Qt;_ylu=X3oDMTByZnU4cmNpBGNvbG8DYmYxBHBvcwM5BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20120427044430AAXkqNA>. Acesso em: 13 jun. 2020.

A maior rigidez na categorização de certos itens do léxico vistos como *palavrões*, quando ditos por crianças, é identificável em respostas coletadas para a pergunta: “Ola como devo proceder com meu filho ele fala muito *palavrão*... e isso esta se tornando um problema me ajudem⁴³?”

DENISE COLOQUE SEU FILHO DE CASTIGO SÓ ASSIM ELE VAI APRENDER QUAIS SÃO AS PALAVRAS POSITIVAS E NEGATIVAS

ele so fala o que ver os adultos dizendo se vc para de dizer e privar ele de companias desse tipo ele pode para de ser assim!

1º - Ameaç com pimenta e cumpra se for preciso (pior é que meu filho gostou da pimenta kkk)

2º - Tenha mais contato com os amigos dele, saiba nome, onde mora, nome da mãe e deixe eles brincarem na sua casa. Se voce identificar que é um amigo que ensina, faça-o cortar relações.

3º - Como já respondido, não fale palavrão ou se ele admira algum parente seu que fala, faça o seu filho repreender o parente. Crianças fazem isso sem pensar...

ÁGUA E SABÃO SERVEM MUITO BEM PARA LAVAR BOCA SUJA./mas... seu filho é 100% saudável, eim!?

tapinhas resolvem

concordo com a resposta de cima, mas se não resolver..../lava a boca dele com sabão!!!/se fosse meu filho eu faria isso

É preciso assinalar, porém, que é possível identificar posturas mais flexíveis sobre esses usos, a exemplo do posicionamento de uma mãe expresso em sua resposta para a pergunta: “minha fala *palavrão*, que faço?/Minha filha tem 2 anos, e aprendeu falar *palavrão*/por mas que agente fale que não pode/ela continua falando/o que faço?⁴⁴”:

Eu tenho uma filha de 8 anos,eu e meu marido falamos palavrão perto dela.../ E ela nunca falou,pra não dizer que falou,so teve uma vez,e quando ela falou nossa ela choro muito pedi mil desculpas pra mim e o pai dele./Basta vc explica pra ela que não pode que é feio criança falar,que vc e o papai fala,mais q nem td que vcs fazem ela pode fazer.../Bjs.

Então, conclui-se que, em se tratando de crianças, a categoria *palavrão* apresenta maior fixidez e itens do léxico, como *caralho*, tendem a ser considerados, sempre, como

⁴³ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1C7p9eReoR8A3Q_z6Qt;_ylu=X3oDMTByNXQ0NThjBGNvbG8DYmYxBHBvcwM1BHZ0aWQDBHNIYwNzcg--?qid=20091103044616AAzUQ53. Acesso em: 13 jun. 2020.

⁴⁴ Disponível em:

https://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=AwrC1CpP8uReBFgAhT_z6Qt;_ylu=X3oDMTBzdWd2cWI5BGNvbG8DYmYxBHBvcwMxMAR2dGlkAwRzZWMDc3I-?qid=20100804181137AA5NeQ5. Acesso em: 13.06.2020.

elementos com alto grau de prototipicidade nessa categoria. Apresentados os resultados, a seguir, aduzem-se as considerações finais.

PARA CONCLUIR A HISTÓRIA

Com o estudo empreendido, ficou constatado que, no *corpus* estudado, item léxico *caralho* pode ser compreendido como membro da categoria *palavrão*, assim como elemento das categorias *tabuísmo*, *obscenidade*, *órgão sexual-genital*, além de *interjeição*, de modo que se encontra em plena variação categorial e que, na categoria *palavrão*, apresentará diferentes graus de prototipicidade. Além disso, ficou verificado que escreventes-internautas têm consciência dessa variação, assim como da relação do uso de *palavrões*, consequentemente, de *caralho*, com a emoção que gera a linguagem e com a situação de uso, nos contextos interacionais; essa inter-relação está no âmago dos diferentes graus de prototipicidade da categoria *palavrão* e dos seus membros, como o que, aqui, foi destacado.

Ademais, para adultos que fizeram seus posts no *Yahoo Respostas*, se esse item do léxico é falado por uma criança, o mesmo assume maior grau de prototipicidade na categoria *palavrões*; isto, também, parece ocorrer, quando quem o fala é uma mulher, mas nem sempre esse reposicionamento categorial acontece, quando são mulheres que o falam ou o escrevem, de sorte que a diferença de usos entre mulheres e homens parece ser mais individual e situacional-contextual do que, propriamente, relacionada a esses grupos sociais, separadamente, postos em oposição um em relação ao outro.

Os resultados aqui expostos não fecham a história sobre os usos dos *palavrões*, em geral, e sobre o item léxico *caralho*, em particular; assim sendo, apenas, permitem concluir um capítulo dessa história. Outras questões podem ser suscitadas acerca desse conjunto do léxico, a exemplo de: seriam os itens léxicos da categoria *sexualidade* transformados em *tabuísmos*, em *obscenidades*, em *palavrões* devido à paulatina patologização do sexo de que fala Foucault (2016)? Afinal, palavras dessa categoria eram usadas em textos galego-portugueses sem pudores. Novos estudos poderão contribuir para um conhecimento mais aproximado dos usos dos *palavrões*, trazendo outras reflexões como as que podem ser geradas pela pergunta, anteriormente, posta. Esperam-se, então, novos resultados, para que a história possa continuar a ser contada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, N. L. de. O uso de palavrões na escola e a (im)polidez linguística nos conflitos entre alunos, 2017. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/defendidasem2017/arquivos/4219nubia_lacio_de_alencar_dissertaa%20em_pdf.pdf>. Acesso em: 11.06.2020.

ALMEIDA, A. A. D. 'Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitismo'. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. *Linguagens e Cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.

ALMEIDA, A. A. D. 'Emergências do léxico, emoção e construção de sentidos: um estudo sobre xerecudá'. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos*. Salvador: EDUNEB, 2018a.

ALMEIDA, A. A. D. 'Para além de palavras, construção de sentidos no ato de ler: complexidade e cognição'. In: SILVA, S. B. B. da; PEREIRA, J. N. *Língua Portuguesa e literatura no livro didático: desafios e perspectivas*. Campinas-SP: Pontes, 2018b.

ALMEIDA, A. A. D. 'Porra, um palavrão? Às vezes, sim; às vezes, não: um estudo sobre categorização à luz da linguística cognitiva. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. *Dez leituras sobre o léxico*. Salvador: EDUNEB, 2019

ALMEIDA, A. A. D. A semântica sócio-histórico-cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. No prelo-b.

ALMEIDA, A. A. D. A tessitura do conhecimento: o *corpus* na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (IX SEF), Salvador-BA, no prelo-a.

ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, N. M. O. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural questões epistemológicas. In: LOPES, N da S.; SANTOS, E. S. dos; CARVALHO, C dos S. In: *Língua e sociedade: diferentes perspectivas, fim comum*. São Paulo: Bulcher, 2019.

CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CESTERO, A. M.; PAREDES, F. (2014). *Creencias y actitudes hacia las variedades del español en el siglo XXI: avance de un proyecto de investigación*. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0091-1.pdf> Acesso em: 10 jun. 2020.

DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o homem* (Tr. L. T. Motta), Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. (Tr. de José Fernando Campos Fortes), Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009

MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.

PAIVA, V. L. M. de O. e. Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016. [www.revel.inf.br]

PINKER, S. Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Por que vocês gostam tanto do Yahoo Respostas? <<https://super.abril.com.br/tecnologia/pq-vcs-gostam-tanto-do-yahoo-respostas/>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SANTOS, E. S dos; LINS, H. A. 'O verbo foder sob um olhar cognitivista'. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. *Linguagens e Cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.

SILVA, A. S. da. Sistema e variação: quão sistemático pode ser o sistema linguístico num modelo baseado no uso? *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 8, número 1, junho de 2012. ISSN 1808-835X 1.